

## **BREVE RESGATE HISTÓRICO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CORPO FEMININO NA HISTÓRIA**

Ana Luiza Toebe, Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA

Claudiana Tavares da Silva Sgorlon, orientadora, Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR Apucarana

### **Introdução**

A contemporaneidade está profundamente marcada pela ascensão das redes sociais, com destaque para o *Instagram*, que majoritariamente utiliza da exposição e circulação de imagens das pessoas para seu funcionamento, além de engajar seu uso através de métricas, como curtidas, comentários e compartilhamentos. Nesse cenário, a aparência do sujeito vem sendo moldada para que seja interpretada como um projeto individual a ser constantemente melhorado, buscando evitar, por exemplo, traços do envelhecimento e submetendo o próprio organismo a uma lógica de administração e vigilância constantes.

Quando atrelamos o grande uso das redes sociais, que utilizam de filtros para que as pessoas se visualizem de uma forma considerada esteticamente “melhor”, e pensamos no alto padrão de perfeição cobrado em cima dos corpos das mulheres, torna-se evidente como as redes sociais podem influenciar na fixação desses padrões. Nesse contexto, o corpo feminino é atravessado por influências tecnológicas e mercadológicas. Compreender as bases dessa dinâmica, que articula a mercantilização e a alienação corporal, exige pensar a complexa construção social e histórica dos corpos, que foram sempre atravessados por padrões, normas e expectativas de gênero.

Os padrões socialmente exigidos possuem processos que não surgiram de forma espontânea ou neutra, mas são resultado de normas patriarcais e capitalistas que influenciam os corpos e como eles são controlados. Dessa forma, têm-se como objetivo analisar, mediante um breve resgate histórico, as representações do corpo feminino ao longo da sociedade para compreender a

legitimação de práticas contemporâneas de mercantilização e da objetificação do corpo feminino.

### **Materiais e métodos**

A presente pesquisa adotou as abordagens qualitativa e exploratória, seguindo como referencial o materialismo histórico-dialético, a fim de analisar e compreender um fenômeno em sua totalidade e as suas contradições, envolvendo suas dimensões históricas e sociais. Para tal, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais para fazer o resgate histórico das visões sobre os corpos femininos. O levantamento dos materiais deu-se a partir de buscas na internet em plataformas de dados acadêmicos e portais universitários, como *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO) e o Google Acadêmico, empregando termos-chaves relacionados ao tema, além de obras como livros e artigos.

### **Resultados e Discussão**

Ao longo da história, os corpos foram sendo construídos socialmente mediante representações, expectativas de comportamentos, padrões estéticos e relações de poder. As determinações de sexo e gênero sempre estiveram presentes na construção da definição do lugar ocupado pelos indivíduos na sociedade, o que fez com que os/as pessoas identificadas como mulheres sofressem de forma mais acentuada opressões.

Na Grécia Antiga, podia-se notar a existência da valorização corporal do ser humano, onde se buscava uma representação estética da perfeição anatômica associada à virtude e à proporção. Dessa forma, constata-se que a busca por corpos compreendidos como perfeitos é antiga, mas o entendimento do que constitui um corpo considerado padrão pode mudar a depender do período histórico (Weeks, 2000).

A Idade Média, por sua vez, ficou marcada pela associação da imagem feminina a uma dicotomia que ganhou força com o avanço hegemônico e o controle moral da Igreja Católica, onde as imagens de mulheres marcantes dentro do catolicismo influenciaram esse acontecimento. A mulher passou a ser

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

compreendida dentro de uma dualidade entre Eva, vista como perigosa e subordinada ao homem, e Maria, uma mulher santa que representa a castidade, estabelecendo uma misoginia e coerção contra as mulheres. Posteriormente, ao longo do século XIX, a figura feminina foi ganhando mais rotulações com valores vitorianos fortemente enraizados nos ideais da sociedade, auxiliando na construção social e histórica dos padrões de gênero.

De acordo com Jeffrey Weeks (2000), a sociedade cria essas rotulações do que é considerado como normal e aceitável socialmente. Essas visões foram sendo associadas ao controle dos corpos, em especial o feminino, envolvendo exigências estéticas como a da magreza e da juventude. Os corpos que não se enquadram em tais rótulos são compreendidos como sinônimos de descuido, sendo muitas vezes acusados de não performar feminilidade e são alvos de preconceitos estruturais.

A transição do feudalismo para o sistema capitalista reforçou as normas e expectativas sobre os corpos femininos. O capitalismo, além de utilizar dos corpos femininos para reprodução biológica visando a produção de mais mão de obra para o trabalho, também o introduziu nos marcos da regulação estatal, pois, conforme aponta Federici (2017, p. 170), o Estado introduziu “[...] nos códigos legais europeus sanções severas destinadas a castigar as mulheres consideradas culpadas de crimes reprodutivos”. O sistema também o instrumentaliza para o trabalho doméstico não assalariado, visando o cuidado do homem, dos filhos e do lar, necessário para o mantimento do sistema econômico. Desta maneira, as mulheres passaram a ser cobradas por mais funções e a beleza passou a ser mais um eixo na exploração e no controle social, podendo ser utilizada para o lucro ao vender uma juventude eterna e uma busca obsessiva pela magreza como um dos principais objetivos femininos, associando-os como sinônimos de felicidade e sucesso.

O mercado da beleza empurra dietas e procedimentos estéticos invasivos como rotinas a serem seguidas e administradas pelas mulheres, sob o discurso de que o corpo deve ser sempre melhorado, demandando um aperfeiçoamento contínuo. Como assevera David Le Breton (2003, p. 30-31), “o corpo tornou-se um empreendimento a ser administrado da melhor maneira

ISSN: 25253611

VI Seminário sobre gênero:

“Educação, diversidades e práticas profissionais: diálogos interseccionais e (im)pactos sociais”

possível no interesse do sujeito e de seu sentimento de estética". Esse sistema lucra em cima da insatisfação corporal criada pelas narrativas hegemônicas da própria indústria da beleza e do consumo em massa, e conseqüentemente, degradando o corpo feminino à condição de mercadoria e o limitando como objeto, muitas vezes de cunho sexual (Cisne, 2018). Esse modelo de controle foi impulsionado pelas mídias tradicionais, como as revistas e a televisão.

Contudo, com a influência da mídia de massa e da publicidade nas redes sociais, a reprodução e o ideal do padrão de beleza exigido fortemente ganham mais força. Exemplos como o famoso desfile da *Victoria's Secret*<sup>1</sup> marca a busca da perfeição corporal na contemporaneidade com modelos extremamente magras, conhecidas como *angels*. Ademais, o cuidado com o corpo ganha fama através de rotinas de *skin care* e procedimentos estéticos visando o aperfeiçoamento e o anti-envelhecimento, gerando um ambiente de constante busca pela felicidade através da busca pela satisfação corporal.

### **Considerações finais**

O breve resgate-histórico acerca do corpo feminino retrata que as pressões estéticas atuais não constituem fenômenos isolados, mas são parte de um processo sócio-histórico que aprisionou os corpos femininos e a subjetividade das mulheres a uma pressão social. Desde a Idade Média, o corpo feminino é associado, subordinado, comparado e controlado por exigências impostas, que agora são parte de uma indústria altamente lucrativa amplificada pelo consumo massificado.

Ao pensar no Serviço Social, é importante para a atuação da profissão a compreensão em como esse processo sócio-histórico interfere e está nas dinâmicas e na exploração contemporânea, a fim de conferir a instrumentalidade ao profissional do Serviço social para desnaturalizar as opressões de gênero e compreender as conseqüências dessa expressão da questão social. O enfrentamento à mercantilização dos corpos femininos exige o entendimento de como o patriarcado se aliou ao sistema capitalista, a fim de

---

<sup>1</sup> Maiores detalhes sobre os desfiles da marca *Victoria's Secret*. Disponível em:  
<<https://www.victoriasecret.com/us/vs/vsinsider/fashionshow>>. Acesso em: 22 mai. 2026.

contestar essa estrutura histórica para a emancipação dos corpos femininos na sociedade.

## Referências

BRETON, David Le. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. 3. ed. Campinas: Papyrus, 2003. 240 p. Tradução de: Marina Appenzeller. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/663114973/Adeus-ao-corpo-Antropologia-e-sociedade-David-Le-Breton>. Acesso em: 15 maio 2026.

CISNE, Mirla. Feminismo e marxismo: apontamentos teórico-políticos para o enfrentamento das desigualdades sociais. **Serviço Social & Sociedade**, [S.l.], n. 132, p. 211-230, ago. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.138>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/kHzqt9vwyWmMyFd6hZjDmZK/abstract/?lang=p>. Acesso em: 12 maio 2026.

FEDERICI, Silvia. A acumulação do trabalho e a degradação das mulheres. In: **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017. p. 114-234. Tradução: Coletivo Sycorax.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 35-82. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1230>. Acesso em: 20 maio 2026.